

• Finanças

ACERTO EXTERNO

25 JUL 1990

Dívida Externa

Governo aceita negociar em paralelo com o FMI e os bancos credores

por Maria Clara R.M. do Prado de Brasília



Antonio Kandir

O Brasil poderá abrir o processo formal de negociação com os bancos credores em paralelo às conversações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em torno de um acordo que deve endossar o programa de estabilização econômico.

Altera-se, portanto, o cronograma da agenda do acordo externo, que previa primeiro um entendimento com o FMI, seguido da negociação com os credores oficiais do Clube de Paris, e, por último, o início da negociação formal com os bancos credores privados.

O novo cronograma atende ao interesse dos próprios bancos credores e chegou a ser colocado pelo presidente do Citibank, John Reed, como solicitação à ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, em sua recente passagem por Brasília. Também atende a uma sugestão colocada pelo próprio FMI à missão brasileira que esteve na semana passada nos Estados Unidos, no sentido de que a retomada de conversas com os bancos tende a facilitar o posicionamento favorável do "board" da instituição para aprovação do acordo com o Brasil.

Há, no entanto, condicionantes colocadas claramente pelo governo brasileiro. "É possível negociar com os bancos ao mesmo tempo em que estivermos discutindo com o FMI, mas o processo de negociação com os bancos não pode interferir ou alterar o ritmo dos entendimentos com o FMI", deixou ontem patente o assessor especial da ministra da Economia, Antonio Kandir, que chefiou a missão brasileira a Washington.

A ministra da Economia caberá definir a data em que o País dará início ao processo de entendimento com os bancos credores privados, contra os quais acumulam-se juros em atraso no montante aproximado de US\$ 6,5 bilhões. Hoje, ela reúne em Brasília o negociador da dívida externa, embaixador Jório Dauster, com toda a equipe que vem-se dedicando a colocar no papel os exercícios que buscam alcançar o que Kandir qualifica de "solução definitiva para o problema da dívida externa". Ela passa, necessariamente, por um substancial abatimento no estoque da dívida.

O Brasil coloca o acordo com o FMI como peça-chave que serve para deflagrar o processo de entendimentos com os demais credores, oficiais ou privados. "Nosso objetivo com o acordo é ter o endosso do FMI ao plano de estabilização que implantamos", disse ele, colocando em segundo plano o empréstimo de cerca de US\$ 1,4 bilhão que deve decorrer daquele acordo. No novo cronograma, que em nada atrapalha os objetivos do governo com relação ao acordo externo, o processo de retomada de entendimentos

com os credores oficiais do Clube de Paris fica postergado para a última etapa, mesmo porque, lembrou Kandir, não se consegue negociar a dívida assumida com agências governamentais sem que haja pelo menos um sinal verde do FMI.

A missão técnica do FMI, composta de início por quatro técnicos com especialização em contas públicas, política monetária, comércio exterior e política cambial, já tem data marcada para chegar ao País. Kandir teve ontem a confirmação de que a missão chega no dia 30 deste mês, segunda-feira da semana que vem, com expectativa de permanecer no País por cerca de três semanas. O titular da missão é o chefe da Divisão do Atlântico-Sul do FMI, o economista chileno Thomas Reichmann, que deve chegar mais adiante, por volta dos dias 5 ou 6 de agosto.

A missão vai repassar as estatísticas dos principais indicadores econômicos e definir com o governo brasileiro as bases para a definição das metas que constarão do texto da carta de intenções, pois está claro que o Brasil negocia agora um novo acordo com o FMI, deixando totalmente de lado o acordo firmado em julho de 1988 e abandonado, sem revisão, ainda naquele ano. A meta do superávit fiscal para 1990 está definida em 1,22% do PIB, no conceito operacional (que desconta as correções monetária e cambial). Obviamente, também está no papel o correspondente ao superávit nominal para o fim do ano, mas Kandir preferiu manter a informação sob reserva, para evitar especulações com a projeção de inflação que está embutida naquele indicador.

A missão técnica do FMI chega ao Brasil um dia antes da visita de John Reed, presidente do Citibank, o maior banco credor privado e também aquele que aparentemente tem sentido com mais impacto o atraso nos pagamentos de juros por parte do Brasil. Há, aqui, uma coincidência de datas: Reed vem para comemorar no Rio de Janeiro e em São Paulo os 75 anos de operações do Citibank no Brasil, mas também terá encontros formais com os representantes do governo, conforme ele mesmo antecipou quando passou por Brasília, em viagem informal, há 15 dias.